

# Infodemia e desinformação em tempos de pandemia: um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais no Brasil durante o estágio inicial da Covid-19

Infodemic and misinformation in times of pandemic: a survey of the main false news spread on social networks in Brazil during the first stage of Covid-19

João Victor Barbosa Ferreira\*

**Resumo:** A Pandemia do novo Coronavírus (SARS-CoV-2) alterou os protocolos de interação social, cultural e econômica do mundo. A doença Covid-19, que é transmitida pelo contato, impôs o imediato e necessário distanciamento social para diminuir o avanço do contágio e reduzir a curva infecciosa. Poucas são as certezas científicas sobre a nova doença, seus sintomas e efeitos, profilaxias, tratamento e mapeamento, mas em um mundo altamente informatizado e com a migração massiva das pessoas para a Internet, as redes sociais se tornaram campo fértil para a disseminação de notícias deliberadamente falsas sobre o cenário atual de saúde pública. Vivemos uma infodemia sobre a pandemia, em um contexto que abre margens para a manipulação casuística da população, colocando a saúde pública em risco e no centro da agenda de debate. O presente artigo intenta trazer mais provocações do que respostas ao atual ambiente de desinformação, haja vista a contemporaneidade dos acontecimentos, à luz de uma leitura dinâmica provocada pelo encontro da crise política com a crise de emergência sanitária oriunda do novo coronavírus. Nesse sentido, objetiva-se fazer um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais durante os estágios de avanço da doença no Brasil. O sensor de coleta dos dados leva em consideração as principais declarações do Presidente da República Jair Bolsonaro, seus Ministros e apoiadores sobre a doença, seu avanço e impactos.

**Palavras-chave:** Infodemia; Desinformação; Redes Sociais; Pandemia da COVID-19.

**Abstract:** The New Coronavirus Pandemic (SARS-CoV-2) has changed the world's social, cultural and economic interaction protocols. The Covid-19 disease, which is transmitted by contact, imposed the immediate and necessary social distancing to diminish the advance of contagion and reduce the infectious curve. Few are the scientific certainties about the new disease, its symptoms and effects, prophylaxis, treatment and mapping, but in a highly computerized world and with the massive migration of people to the Internet, social networks have become fertile ground for the dissemination of deliberately false news about the current public health scenario. We live an infodemic on the pandemic, in a context that opens margins for case-by-case manipulation of the population, putting public health at risk and at the center of the debate. This article attempts to bring more provocations than responses to the current environment of misinformation, in view of the contemporaneity of events, in the light of a dynamic reading provoked by the encounter of the political crisis with the health emergency crisis caused by the new coronavirus. In this sense, the aim is to make a survey of the main false news disseminated on social networks during the stages of advancement of the disease in Brazil and then open a debate to analyze the impacts of these misinformations on the fundamental right of access to information.

**Keywords:** Infodemic; Misinformation; Social Networks; Coronavirus Pandemic.

Recebido em: 02/07/2020  
Aprovado em: 17/08/2020

Como citar este artigo:

FERREIRA, João Victor Barbosa. Infodemia e desinformação em tempos de pandemia: um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais no Brasil durante o estágio inicial da Covid-19. Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal, Brasília, vol. 2, n. 2, 2020, p. 61-83.

\* Mestrando em Ciência Política, Bacharel em Direito e Bacharelado em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB).

## Introdução

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia provocado pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2). A nomenclatura “pandemia” não está relacionada com a características da gravidade da doença Covid-19, mas sim com a impressionante velocidade com que o vírus vem se disseminando nos Países e suas regiões (ASCOM/UNA-SUS, 2020).

A nova doença é transmitida pelo contato, que pode se dar entre pessoas infectadas e pessoas saudáveis ou até pela interação com objetos ou superfícies em que o vírus está presente. Por esse motivo, a primeira ordem de recomendação das autoridades de política sanitária consistiu no isolamento social total, haja vista os ainda imprecisos efeitos da doença nos diferentes corpos e imunidades biológicas, além do empiricamente comprovado poder letal do novo vírus (COMPROVA, 2020)

A doença inaugura um novo protocolo de interação social e modifica a estrutura cultural ao provocar efeitos negativos na economia do País. Somos obrigados, por coerência e cautela, a manter distanciamento uns dos outros para preservar a saúde pública. Um novo paradigma social é instaurado: um que nos impede de celebrar a união, de coabitar em espaços de massa e de viver a vida da forma que conhecemos como “normal”.

As pessoas migraram acentuadamente para a Internet – e para as redes sociais – como forma de tentar estreitar os laços sociais. As crianças deixaram de ir à escola e a camada privilegiada passou a ter aulas online; as empresas adotaram o teletrabalho para manter e aumentar a produtividade; o comércio se reinventou vendendo produtos e serviços por aplicativos; e o setor de artes, cultura e entretenimento tentou motivar o público por meio das famosas “lives” nas plataformas de *streaming*.

Mas a Pandemia também serviu para escancarar os distanciamentos provocados pelos privilégios e pela desigualdade no País. Na medida em que milhões de pessoas perderam seus postos de trabalho formal, as plataformas de trabalho precarizado ganharam volume e espaço de atuação com a preponderância de consumo de produtos e serviços pela Internet. Aplicativos de *delivery* de comida e insumos apresentaram acentuações na curva de precarização ao não só alterar a fórmula de remuneração dos entregadores, mas também ao não garantir acesso à equipamentos de proteção individual, essenciais para garantir a saúde em tempos de Pandemia (CARVALHO,

2020). Por esse motivo, os entregadores vêm se articulando para organizar uma manifestação com reivindicações de melhores condições de trabalho em todo País (SUDRÉ, 2020).

Em um País estruturalmente racista (RIBEIRO, 2019) e construído sobre a base de raízes coloniais e neocoloniais (HAIDER, 2019), tornou-se claro qual é a população alvo das políticas genocidas de saúde pública adotadas pelo Governo Federal, de modo que os dados – mesmo que subnotificados e imprecisos – demonstram que a população negra e pobre morre mais em comparação com a alta elite brasileira (MARASCIULO, 2020).

Pelo distanciamento dos privilégios, a população negra ocupa a base da pirâmide social, exercendo o papel de serventia à elite brasileira, sendo responsável por fornecer grande parte dos serviços interligados à rede de cuidado e de manutenção do bem-estar elitista das famílias mais ricas. Incluem-se nessa lista, para além dos serviços de entrega, os serviços domésticos e de cuidado dos filhos, os serviços de limpeza e manutenção de espaço, os serviços de produção de alimentos e cozinha, serviços gerais e, logicamente, os serviços de transporte e locomoção de passageiros e cargas.

Com o novo protocolo de distanciamento social, as famílias da elite brasileira se viram obrigadas a, teoricamente, dispensar seus empregados para garantir a incolumidade da saúde dentro do núcleo familiar. Esses trabalhadores, impossibilitados pela lógica estrutural da sociedade de realizarem o conhecido *home office*, ou migraram para a informalidade e hoje se arriscam nas ruas para garantir uma renda mínima, ou tentam sobreviver da forma possível com o insuficiente Benefício de Prestação Continuada (BPC) gerido pelo Governo Federal.

Contudo, em algumas situações a pressão do Capital Econômico e Social não foi o suficiente para garantir a saúde dessas pessoas, de modo que alguns Estados da Federação absurdamente chegaram a incluir empregadas domésticas no rol de serviços essenciais (SOBREIRA, 2020). Tal atitude demonstra não só o desprezo pela vida humana, mas também deixa claro a existência de uma “estrutura social” que dita quem pode – e vai – morrer pela Covid-19.

Todas essas transições sociais repentinas são agravadas em um contexto de infodemia, no qual as confirmações científicas sobre as causas, efeitos, sintomas, prevenções e tratamentos da Covid-19 são facilmente manipuladas e voluntariamente distribuídas e disseminadas nas redes sociais.

A desinformação prejudica a dinâmica da prevenção e do achatamento da curva de contágio e também coloca em risco a saúde de toda coletividade. Acresça-se a isso que, mesmo

antes dos reais efeitos da pandemia da Covid-19 chegarem a território nacional, o Presidente da República, seus Ministros e apoiadores foram vetores importantíssimos não só para disseminar desinformações para a população, mas também para menosprezar os devastadores efeitos da nova doença que, até então, em 30 de junho de 2020, está perto de atingir a marca de sessenta mil mortos.

Nesse sentido, a presente pesquisa objetiva analisar os impactos da desinformação em tempos de infodemia, a partir de dados concretos extraídos no contexto da crise sanitária provocada pela pandemia do novo coronavírus (SARS- CoV-2).

Para tanto, utilizamos como raiz estrutural para coleta dos dados as manifestações públicas emitidas pelo Presidente da República Jair Bolsonaro – e reverberadas pelas mídias e redes sociais –, as quais vincularam comprovadas desinformações ou emitiram opiniões pessoas que menosprezam os efeitos da pandemia e contrariam recomendações das autoridades sanitárias.

Depois, propomos um debate, à luz desses dados, para discutir como a extrema-direita, seus veículos e apoiadores, contribuíram com o ambiente hostil de desinformação sobre a crise de saúde pública do novo coronavírus e levaram o Brasil a se tornar o novo epicentro da doença na América-Latina.

## **1. Pós-verdade e o avanço de desinformação no Brasil**

Mesmo antes do contexto de pandemia e de crise política sanitária provocada pela Covid-19, diversos Países experimentaram episódios de manipulação de dados por agentes econômicos interessados em instaurar uma nova ordem social e política a partir do manuseio dos dados dos usuários coletados das redes sociais e das interações com estas.

No Reino Unido, em 2016, por exemplo, financiada por atores imprecisos, a empresa *Cambridge Analytica* aproveitou-se do vazamento de dados do Facebook para construir um novo arranjo do que passaria a ser visto pelos usuários em seus *feeds* de atualização, através do controle dos algoritmos, mesmo que essas informações não fossem necessariamente verdadeiras. Meses depois, o Reino Unido aprovou o referendo para cancelar a saída do País do Bloco Europeu, em um momento político marcado por inúmeras notícias falaciosas direcionadas a inflamar no debate público supostas desvantagens da coligação do País como membro da União Europeia.

Estudos mais recentes demonstram que no período do referendo foi identificado um grande engajamento nas redes sociais, de ativistas contrários e favoráveis ao movimento popularmente

Infodemia e desinformação em tempos de pandemia: um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais no Brasil durante o estágio inicial da Covid-19

denominado como “*Brexit*”. Um levantamento da Fundação Getúlio Vargas (2017) indica que durante o período de votação do referendo, mais de 869,9 mil *tweets* foram feitos no Reino Unido, cujas principais *hashtags* foram #Brexitvote (154,3 mil *tweets*), seguida de #Peoplesvote (78 mil *tweets*) e #CleanBrexit (7,9 mil *tweets*).

Meses depois, durante as eleições para Presidente da República dos Estados Unidos, identificou-se um presente discurso de ódio não só nas atitudes e palavras do então candidato Donald Trump, mas também na utilização de notícias falaciosas e maldosas para nitidamente colocar sua concorrente Democrata Hilary Clinton em posição de descrédito.

No Brasil, a eleição Presidencial de 2018, na qual Jair Bolsonaro logrou-se como vencedor, presenciamos empiricamente uma série de discursos de ódio e de mentiras veiculadas pelo então candidato e seus apoiadores, inclusive em cadeia nacional de televisão.

Em todos os cenários, do Reino Unido ao Brasil, é possível identificar a transição do exspecto político voltado à disseminação de ideais e de costumes mais conservadores vinculados à direita (e seus extremos). Inclusive, os discursos dos ‘Trumpistas’ e ‘Bolsonaristas’ costumam vincular ter como base o anticientificismo, imputando descrédito à ciência e, sobretudo, menosprezando os pontos de vista que são contrários à visão disseminada por estes grupos (ROSENBERG, 2020).

Um grande exemplo do movimento anticientífico é o crescimento de grupos antivacinas e o aumento de casos de doenças como o Sarampo, consideradas erradicadas e facilmente prevenidas por vacinas. Esse movimento é observado, em grau semelhante, no Brasil e nos Estados Unidos, Países que são atualmente chefiados por Presidentes que notadamente compartilham semelhanças nos discursos ligados à extrema-direita (ROSENBERG, 2020).

Por essas razões, em 2016, “pós-verdade” (*post-truth* do inglês) foi eleita a palavra do ano pelo dicionário Oxford (KEYES, 2018). Para melhor conceituação, pós-verdade é uma categoria utilizada para enquadrar os discursos que, pelo conjunto das circunstâncias, atribui grande importância social, política e jornalística a notícias falsas ou distorções voluntárias da verdade, sobretudo com apelo às emoções e crenças pessoais, em detrimento da verdade objetiva (KEYES, 2018). Na era da pós-verdade, a “verdade aparente” passa a ter mais valor do que a “verdade real”, porquanto o objeto (conteúdo) realiza uma conexão quase que imediata com o sujeito receptor.

Pesquisas acadêmicas anteriores demonstraram que indivíduos têm a tendência de factualmente aceitar informações incorretas como verdadeiras, desde que: (i) provenientes de uma

fonte acreditada ou minimamente creditável; ou (ii) que reafirme suas posições políticas pessoais ou suas formas individuais de visão de mundo (MOTTA, 2020).

Os grandes escândalos de corrupção atribuídos ao Partido dos Trabalhadores contribuíram para a fertilidade do campo neoliberal no Brasil, de modo que a direita (e seu extremo) vem conquistando paulatinamente, desde 2014, espaço na agenda política, muito pelo ativismo social controlado pelo Capital Econômico<sup>1</sup>.

O Governo Bolsonaro é marcado pela cisão ideológica que pretende abrir fenda entre aqueles que defendem a manutenção da cultura política e social conservadora e os que operam no campo progressista. Por isso, a lógica da desinformação atua no cerne da camada social, manipulando casuisticamente o debate público sobre matérias de grande apelo e relevância social para ditar a forma como a população deve pensar e agir.

Um novo estudo da FGV (2017b) apontou que, já em 2014, perfis controlados por robôs eram responsáveis por disseminar parte significativa das opiniões manifestadas nas redes sociais sobre o pleito eleitoral. Mas não só em momentos de sufrágio que agem os sujeitos anônimos: segundo a mesma pesquisa, ações orquestradas por robôs também ocorreram quando da discussão de pautas chave para a agenda política nacional, como a aprovação da Reforma Trabalhista (2017), a Greve Geral de 2017, as Eleições de 2014, o debate sobre o Impeachment da Presidente Dilma Rousseff (2015/2016) e as eleições Municipais de São Paulo de 2016 (FGV, 2017b).

Essas interferências ilegítimas imputaram risco ao processo democrático e corromperam o núcleo político da agenda brasileira em diversos momentos. Segundo o estudo, durante a Greve Geral de 2017, cerca de 20% da totalidade do debate público ficou concentrada em robôs, ao passo que nas eleições de 2014 cerca de 10% das interações foram provenientes de disparos em massa de perfis robotizados.

Embora não tenhamos dados científicos que quantifiquem a concentração da proporcionalidade do debate público em robôs, restou evidentemente comprovado, de forma empírica, que perfis automatizados foram responsáveis por injetar no debate público desinformações, construídas com base nas características da pós-verdade – apelo emocional e às crenças pessoais, durante as eleições presidenciais de 2018. Exemplos notórios foram as diversas *Fake News* intentadas contra a candidata à Vice-Presidência Manuela D’Ávila, inclusive objeto de

<sup>1</sup> O “Pato da FIESP” na Av. Paulista durante as manifestações pró-impeachment se tornou um símbolo do controle político exercido pelo Capital. A campanha “eu não vou pagar o pato” acendeu a fúria da elite paulistana e inflamou o debate público que passou a pedir reformar no sistema político. Figuras que hoje representam a Direita brasileira tiveram maior notoriedade a partir destes eventos e suas sequências, a exemplo de Joice Hasselmann (PSL), Kim Kataguiri (MBL) e Carla Zambelli (PSL).

Infodemia e desinformação em tempos de pandemia: um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais no Brasil durante o estágio inicial da Covid-19

ação pelo TSE (BRÍGIDO, 2018), e a suposta criação do “Kit Gay” pelo candidato Fernando Haddad, como afirmou Bolsonaro em cadeia nacional de televisão.

A imprensa, como tentativa de responder e combater a desinformação, criou mecanismos de checagem rápida de fatos, os chamados *fast checkers*, que tentam desconstruir as principais falácias e desinformações em circulação e checar a veracidade das principais notícias.

Mas uma recente pesquisa conduzida pela Fiocruz (GALHARDI, 2020) revelou as principais plataformas utilizadas pelos robôs para disseminar as desinformações no caso da pandemia. Em sequência, os dados mostram que 73,7% das notícias falsas circulam no WhatsApp, seguidos pelo Facebook (15,8%) e Instagram (10,5%). Se as desinformações circulam no submundo das redes sociais, construídas por sujeitos desconhecidos, patrocinados por atores econômicos indeterminados, como combater os devastadores efeitos para a ordem democrática e, no presente caso, para a saúde pública?

Dentro deste incerto e confuso cenário, reside o debate sobre desinformação e infodemia em tempos de pandemia provocada pelo novo coronavírus. A ideia é tentar analisar a relação de causalidade entre o sistema político atualmente operante e a disseminação de informações nas redes sociais, e vice-versa, de modo a qualificar o debate levantado nas redes sociais a partir dos pronunciamentos proferidos pelo Presidente da República Jair Bolsonaro, Ministros e apoiadores.

## **2. Infodemia e Pandemia – a reconstrução temporal das primeiras opiniões de Bolsonaro sobre a Covid-19 e seus impactos no Brasil.**

Infodemia é uma categoria que representa o fenômeno de excesso de informações, mas nem todas verdadeiras, sobre um mesmo assunto, fato que torna impossível o trabalho de identificação da fonte primária e dificulta a propagação de orientações e recomendações oficiais e confiáveis em um determinado território. Segundo a OMS, a pandemia de Covid-19 ocasionou uma infodemia, na medida em que centenas de milhares de notícias, tweets e posts são publicados diariamente sobre o assunto (OPAS, 2020).

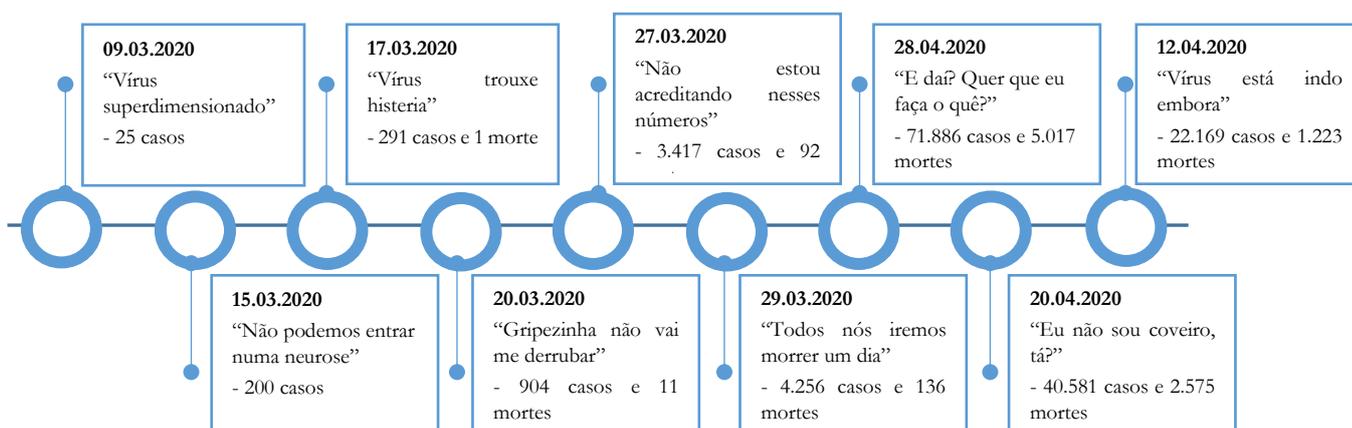
Segundo dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2020), desde a notificação da comunidade internacional sobre a circulação do novo coronavírus, mais de 361 milhões de vídeos foram carregados no Youtube com a classificação “COVID-19” e “COVID 19”, cerca de 19.200 artigos foram publicados no Google Scholar e, somente no mês de março, foram

cerca de 550 milhões de tweets que continham um ou mais dos seguintes termos: coronavírus; corona vírus; covid19; covid-19; covid\_19; ou pandemic (OPAS, 2020).

Nesse cenário de confusão de informações e de evidente risco de propagação de notícias falsas em meio a uma crise sanitária, o mínimo que se espera dos Governos locais é a concentração de notícias confiáveis em plataformas acessíveis que garantam informação mínima e de qualidade para a população.

A melhor forma de prevenção do catastrófico alastramento de um novo vírus é, a partir da ciência, manter a população informada sobre os riscos, sintomas e formas de prevenção de contágio. Países que acolheram o novo coronavírus com posicionamento negacionista experimentaram o acentuar da crise com o passar dos meses e, infelizmente, tiveram milhares de vidas perdidas, como na Itália (TROI, 2020).

No Brasil, o Presidente da República Jair Bolsonaro sempre fez questão de tratar a chegada da pandemia em território nacional com ironia e desdém, embora Países da Europa já estivessem em estado de calamidade pública com o acentuar do número de casos e de mortos pela Covid-19. A Figura 1 traz uma linha do tempo das principais declarações de Bolsonaro sobre a pandemia, indicando a data do pronunciamento e a respectiva quantidade de casos confirmados e de mortos pelo vírus até então:



Uma recentíssima pesquisa, intitulada "Ideologia, isolamento e morte: uma análise dos efeitos do bolsonarismo na pandemia de Covid-19" de quatro pesquisadores da Universidade Federal do ABC, da Fundação Getúlio Vargas e da Universidade de São Paulo cruzou os dados do nível de isolamento social dos municípios e chegou a conclusão de que as regiões em que o Presidente Bolsonaro teve mais apoio nas eleições de 2018 são as que menos praticam isolamento social e são as que tem mais casos de fatalidade por Covid-19 (RIBEIRO, 2020).

O estudo destacou cinco momentos, entre março e abril, em que Bolsonaro tratou a pandemia com desdém e negacionismo ou se mostrou contrário ao isolamento social. Os dados colhidos pela mencionada pesquisa, através de dados de geolocalização dos telemóveis, demonstram que a taxa de isolamento social oscilou recorrentemente para baixo após as manifestações públicas do Presidente contra o distanciamento social (RIBEIRO, 2020).

O Presidente ignora suas responsabilidades enquanto representante de uma nação. Agir deliberadamente na contramão das recomendações de saúde pública das autoridades sanitárias e, inevitavelmente, instigar que o mesmo seja reproduzido pelos cidadãos que enxergam na figura de Bolsonaro um exemplo.

Com o acentuar da crise no passar dos meses, é razoável afirmar que o avanço exponencial do número de casos e de mortos no Brasil é, em parte, responsabilidade do negacionismo do Presidente da República e de seus apoiadores que, desde o início do contágio, tratam a situação com desdém e compartilham desinformações nas redes sociais.

Atitudes simbólicas, como caminhar em centros públicos e incentivar manifestações, as quais inevitavelmente provocam aglomerações, são atos corriqueiramente incentivados e realizados por Bolsonaro e Ministros de Estado. O desrespeito às normas de saúde pública e às recomendações da OMS também são facilmente identificáveis quando observamos o Presidente em suas aparições públicas. Ele insiste em não usar máscaras e em cumprimentar seus seguidores com abraços e apertos de mão, desrespeitando decretos locais que determinam o distanciamento social.

Parte da irresignação do Presidente e de apoiadores surge após o Supremo Tribunal Federal (STF) reafirmar o poder de Governadores e Prefeitos no estabelecimento de medidas sanitárias no combate à Covid-19. O julgamento ocorreu no âmbito da Ação Direta de Inconstitucionalidade n. 6.341, no qual foi confirmada a medida cautelar anteriormente concedida pelo Relator Ministro Marco Aurélio.

O episódio marca o início da crise institucional e da troca de farpas do Poder Executivo com o Legislativo e Judiciário, chegando ao extremo quando Bolsonaro se fez presente em uma manifestação ocorrida no dia 31 de abril, na Praça dos Três Poderes em Brasília, cuja pauta exigia o fechamento do Congresso e do STF e um novo AI-5.

Recentemente, com o pico de contágios e de morte crescendo dia-a-dia e com o aumento do desemprego atingindo níveis recordes, Bolsonaro foi ao seu Twitter oficial destilar opiniões

contrárias ao STF para tentar “lavar as mãos” da responsabilidade pela crise e imputá-la aos Governadores e Prefeitos:

**Jair M. Bolsonaro**

@jairbolsonaro

- Lembro à Nação que, por decisão do STF, as ações de combate à pandemia (fechamento do comércio e quarentena, p.ex.) ficaram sob total responsabilidade dos Governadores e dos Prefeitos. (7:40 AM . 08 jun de 2020)

**Jair M. Bolsonaro**

@jairbolsonaro

- Nosso governo alocou centenas de bilhões de reais não só para combater o vírus, bem como para evitar o desemprego. - Cada mês pago do auxílio emergencial de R\$ 600,00 corresponde a despesa na ordem de R\$ 40 bilhões para a União. (7:40 AM . 08 jun de 2020)

**Jair M. Bolsonaro**

@jairbolsonaro

- Ao lado disso forças nada ocultas, apoiadas por parte da mídia, açoitam o Presidente da República das mais variadas formas para deslegitimá-lo ou atrapalhar a governança.  
- Com fé em Deus e no povo seguirei meu destino de melhor servir ao meu país. (7:40 AM . 08 jun de 2020)

Não há coerência ou lealdade com a verdade nas frases e atitudes do Presidente da República. Pelo contrário, o incentivo à polarização política se torna ainda mais acentuado quando Bolsonaro, deliberadamente, assume atitudes negacionistas em relação às recomendações de saúde pública, ao mesmo tempo em que desafia os outros poderes da República em uma atitude nitidamente inconstitucional.

As atitudes singulares do Presidente ocasionaram o início de uma crise interna no Governo. Assim como não há transparência em relação às orientações e informações corretas para prevenção do avanço da doença no País, tampouco há um panorama geral sobre as atitudes que estão sendo tomadas pelo Governo Federal para combater os efeitos da pandemia. No decorrer do avanço da doença, ficou claro que sequer existe alinhamento harmônico entre os posicionamentos pessoais de Bolsonaro e seus Ministros de Estado, fato que agrega confusão ainda maior ao cidadão que, já inserido em uma crise de responsabilidade, presencia descompassos dentro do próprio Governo sobre um assunto tão sério.

Infodemia e desinformação em tempos de pandemia: um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais no Brasil durante o estágio inicial da Covid-19

### *2.1. A crise política com os Ministros de Estado: Isolamento Vertical, Hidroxicloroquina e Azitromicina no centro dos interesses de Bolsonaro.*

Em 16 de abril de 2020, Bolsonaro decide demitir o então Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta após um longo embate de opiniões sobre as ações do Ministério para combate do avanço e dos efeitos da Pandemia.

Em contraposição às orientações do Ministério da Saúde e da OMS, Bolsonaro fazia questão de incentivar aglomerações e de transitar pela Capital do País sem usar máscaras. Construiu diversos obstáculos jurídicos e políticos para apresentar os resultados de seus exames de Covid-19 e chegou a destratar publicamente Mandetta ao afirmar que está “faltando humildade<sup>2</sup>” ao Ministro da Saúde.

De um lado, o então Ministro da Saúde defendia o isolamento social generalizado como a melhor forma de conter o avanço da pandemia por aqui; do outro, Bolsonaro, sempre com desdém, defende o isolamento vertical – aquele em que apenas a população mais vulnerável fica reclusa –, o que não é indicado pela OMS (GAYER, 2020).

No dia 11 de abril de 2020 – 5 dias antes de anunciar a demissão de Mandetta – Bolsonaro posta em suas redes sociais um vídeo em que critica as medidas sanitárias de isolamento social adotadas pelos Estados e Municípios. Mais preocupado com a economia do que com as vidas dos brasileiros, o Presidente posta o seguinte tweet:

**Jair M. Bolsonaro**

@jairbolsonaro

- Há 2 semanas falei sobre o que poderia acontecer no Brasil, caso se preocupassem apenas com um problema (+VIDEO).  
(9:43 AM. 11 abril de 2020)

No vídeo que acompanha o tweet, Bolsonaro defende a reabertura do comércio, inserindo novamente a retórica que sempre foi defendida por ele: a economia não pode parar, as pessoas precisam trabalhar.

<sup>2</sup> Em entrevista à Rádio Jovem Pan, Bolsonaro afirmou “O Mandetta quer fazer muito a vontade dele. Pode ser que ele esteja certo. Pode ser. Mas está faltando um pouco mais de humildade para ele, para conduzir o Brasil neste momento difícil que encontramos e que precisamos dele para vencer essa batalha”. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=pGyDAzL\\_ybM](https://www.youtube.com/watch?v=pGyDAzL_ybM)>.

A pasta foi assumida por Nelson Teich que, após novos atritos com as atitudes negacionistas e desproporcionais do Presidente Bolsonaro, pediu demissão no dia 15 de maio de 2020, pouco menos de 1 (mês) após assumir o Ministério da Saúde.

O então Ministro Teich, assim como seu antecessor, se recusou a contrariar evidências científicas para relaxar as orientações da OMS de isolamento social durante a Pandemia. E, assim como em posição anterior, pediu cautela no uso da Hidroxicloroquina e Azitromicina para tratamento da Covid-19, por conta das evidências científicas contrárias ao uso dos medicamentos.

Bolsonaro inclusive gerou novos atritos com Teich ao editar um decreto que incluía como serviços essenciais as barbearias, os salões de beleza e as academias, sem antes, contudo, comunicar o Ministério da Saúde sobre a decisão.

No dia 12 de maio de 2020, Teich divulgou recomendações do Conselho Federal de Medicina sobre os efeitos colaterais da Cloroquina e alertou que “qualquer prescrição deve ser feita com base em avaliação médica. O paciente deve entender os riscos e assinar o Termo de Consentimento antes de iniciar o uso da cloroquina” (PODER360, 2020).

Dias antes, Bolsonaro defendeu o uso do medicamento desde o início da doença e afirmou que “o meu entendimento, ouvindo médicos, é que ela deve ser usada desde o início por parte daqueles que integram o grupo de risco. [Para] pessoas com comorbidades ou de idade, já deve ser usada a hidroxicloroquina” (PODER360, 2020).

Dias depois do pedido de demissão de Teich, o Presidente decidiu liberar o uso da Cloroquina pelo SUS, mesmo em casos mais leves. O Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP) fez questão de noticiar a liberação em seu Twitter:

**Eduardo Bolsonaro**

@BolsonaroSP

Hoje @JairBolsonaro tomou uma atitude corajosa, que salvará milhares de vidas: liberou o uso da cloroquina pra todos os casos de COVID-19 no SUS, mesmo os leves

Basta o paciente autorizar o uso do medicamento, que tem se mostrado muito eficaz em diversas partes do mundo (+FOTO)  
(2:21 PM. 20 de maio de 2020)

O Tweet teve 21,4 mil curtidas e 4,9 mil retweets quando da elaboração deste artigo. A repercussão destas e de outras desinformações foram amplamente perpetradas nos diversos grupos de WhatsApp e nos Twitters de atores de direita.

A inexistência de congruência e de harmonia nas informações, as desinformações e recomendações contrárias às da OMS e as atitudes e palavras do Presidente Bolsonaro são fatores que acentuaram a crise de saúde pública provocada pela Covid-19 no Brasil. Se não existem fontes confiáveis para informação da população, como realizar efetivamente o campo preventivo?

A reprovação do Presidente durante a Pandemia se acentuou. A crise Política é parte das motivações do desgosto da população. Um levantamento do DataFolha (FOLHA DE SP, 2020), divulgado dia 29 de maio de 2020, apresentou que 50% da população avaliou a atuação de Jair Bolsonaro no combate à pandemia do novo coronavírus como “Ruim ou Péssima”.

Ao longo da pesquisa, identificamos que atores inclinados à direita (e o seu extremo) foram os grandes responsáveis por disseminar desinformações nas redes sociais no início da pandemia, tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos.

### **3. Como os atores políticos inclinados à direita (e seu extremo) interferiram para a disseminação de desinformação nos estágios iniciais da pandemia no Brasil e nos Estados Unidos.**

A análise comparada não é sem motivo: os dois Países, Estados Unidos e Brasil, compartilham similitudes aquém da vinculação político-ideológica de seus Presidentes, engrenada em sociedades construídas pelos privilégios de raça e classe social, profundamente marcada pelas diferenças de sexagem e de territorialidade. Aqui e lá, tornamo-nos epicentro da Covid-19 nos respectivos hemisférios.

Um estudo desenvolvido no Departamento de Ciência Política da Universidade do Estado de Oklahoma identificou que veículos midiáticos inclinados à direita são mais propícios a disseminar desinformação nos Estados Unidos. Nos resultados, restou demonstrado que veículos midiáticos afinados com o Presidente Donald Trump, como a Fox News, dedicaram muito menos espaço de horário para realizar a cobertura do avanço do estágio da pandemia e para informar corretamente o seu público-alvo (MOTTA, 2020).

No Brasil, a recíproca parece verdadeira, na medida em que a cobertura da pandemia parece centralizada em veículos de comunicação que outrora adotaram posições de crítica ao Governo

Federal. Emissoras como Rede Record, Bandeirantes e SBT<sup>3</sup> – que adotam posicionamentos mais afinados com o Governo – não dedicam tanto espaço cobertura da pandemia no Brasil, tampouco fazem parte do Consórcio de Veículos da Imprensa criado para tentar dar mais transparência aos números da Pandemia após a mudança da metodologia da apresentação dos dados pelo Ministério da Saúde – o consórcio é formado por Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo, G1 e Extra.

Os dois Presidentes adotaram – e continuaram a reverberar – posições negacionistas aos verdadeiros efeitos da Pandemia no Mundo. No começo de março de 2020, uma pesquisa conduzida pelo YouGov e pelo Jornal The Economist indicou que 19% dos estadunidenses consideravam o novo coronavírus como uma farsa, enquanto 49% acreditavam que o vírus era criação humana e 44% acreditavam que a ameaça dos impactos da pandemia estavam sendo inflamadas por razões políticas, sobretudo para avolumar o processo de Impeachment contra Donald Trump (MOTTA, 2020).

Já no Brasil, uma pesquisa liderada pelo IPSOS (2020a) identificou que, no final de março, 56% dos brasileiros acreditavam que o isolamento social não seria eficaz para conter a propagação do novo coronavírus; ao passo que 86% da população acreditava no fechamento de fronteiras como forma de contenção do contágio; e 62% temia que a nova doença provocasse danos extremos ou muito graves à própria saúde.

A própria chegada do vírus a solo brasileiro veio acompanhado de uma desinformação. Uma imagem que circulou pelas redes sociais, acompanhada de um pequeno texto, afirmava que a Covid-19 teria sido proveniente do consumo de uma “sopa de morcegos” na China. Foi necessário que o Ministério da Saúde viesse a público desmentir e atribuir o *status* de Fake News à postagem para reafirmar que “de acordo com a OMS não existe nenhuma comprovação científica de que “sopa de morcego” tenha sido a responsável pela disseminação do novo coronavírus na China” (BRASIL, 2020).

Mas somente a ação do Ministério da Saúde não foi o suficiente para conter os rumores de que a China teria deliberadamente criado o vírus para atingir negativamente o restante do planeta, como circulou aqui no Brasil e nos Estados Unidos. A desinformação que ficou mais famosa sobre o assunto foi a circulação de um vídeo produzido em 2015 pelo Senador Italiano, filiado ao movimento conservador, que teoricamente alertava o mundo sobre a criação de uma molécula

<sup>3</sup> O Presidente da República Jair Bolsonaro nomeou Fábio Faria para o cargo de Ministro do ressuscitado Ministério da Comunicação. O novo Ministro é cunhado de Silvio Santos, ferrenho apoiador do Presidente e dono da emissora SBT.

Infodemia e desinformação em tempos de pandemia: um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais no Brasil durante o estágio inicial da Covid-19

conhecida como SH CO14 – que teria passado por um processo de mutação até se tornar a SARS-CoV-2 – em laboratório do Partido Comunista Chinês.

O vídeo chegou ao Twitter pelo usuário Oswaldo Eustáquio (@oswaldojor) que se autodenomina “Jornalista Investigativo, apaixonado pela verdade, inimigo da corrupção e Conervador” na Bio de seu perfil. O usuário é um ferrenho apoiador do Presidente Bolsonaro e conta com mais de 114,8 mil seguidores quando da elaboração deste artigo (junho/2020). Em 28 de março de 2020 – 1 mês após a confirmação do primeiro caso no Brasil –, o usuário postou o seguinte fio:

**Oswaldo Eustáquio**

@oswaldojor

Exclusivo: Coronavírus foi criado em laboratório ligado ao partido comunista da China em 2015, revela vídeo de TV italiana repercutido por senador de direita (+VÍDEO) (9:07 PM . 28 de mar de 2020).

O Tweet teve milhares de interações, contando com 4,1 mil curtidas e 2,1 mil retweets quando da elaboração do artigo (junho/2020). Dois dias depois, em 30 de março de 2020, o site de checagem UOL Confere verificou que o vídeo e a menção incorporada pelo usuário eram inverídicos e se tratavam de Fake News (TAJRA, 2020). A verificação, contudo, não levou à retirada do conteúdo do Twitter e o produto original pode facilmente ser encontrado ainda ativo na plataforma<sup>4</sup>.

O vídeo também circulou pelos Estados Unidos. Posteriormente, uma pesquisa concluiu que mais do que 1 em cada 5 (22%) cidadãos dos Estados Unidos acreditam que o novo coronavírus foi propositalmente criado em laboratório Chinês. A mesma pesquisa constatou que, ao menos, 1 em cada 3 cidadãos (38%) dos Estados Unidos endossaram, ao menos, uma desinformação sobre a Covid-19.

Inflamando ainda mais o debate público com desinformação, o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP) – filho do Presidente – acusou a China de ter voluntariamente arquitetado a “construção” do vírus na pretensão de concretizar um plano nacionalista do Partido Comunista. No dia 18 de março de 2020, o Deputado Federal tweetou:

<sup>4</sup> Tweet disponível em <<https://twitter.com/oswaldojor/status/1244053623744626689?s=20>>. Acesso em 20 de jun. de 2020.

**Eduardo Bolsonaro**

@BolsonaroSP

Quem assistiu Chernobyl vai entender o q ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa

+1 vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas q salvaria inúmeras vidas

A culpa é da China e liberdade seria a solução

(11:38 AM . 18 de mar de 2020)<sup>5</sup>.

Além de atentar contra a soberania da República da China com uma atitude extremamente colonialista e ditatorial ao oferecer a “liberdade” como solução, o filho do Presidente, que em outrora foi cotado para assumir a Embaixada do Brasil nos Estados Unidos, incorpora em sua fala uma opinião extremamente preconceituosa e difamatória ao imputar, única e exclusivamente, a responsabilidade à China pela pandemia de Covid-19. Este tweet teve, até o momento da elaboração do presente artigo (junho/2020) 26 mil curtidas, 9,3 mil retweets e 8,5 mil comentários.

Mais tarde, no mesmo dia, o perfil oficial da Embaixada da China no Brasil (@EmbaixadaChina) respondeu ao tweet do Deputado:

**Embaixada da China no Brasil**

@EmbaixadaChina

Em resposta a @BolsonaroSP

1-As suas palavras são extremamente irresponsáveis e nos soam familiares. Não deixam de ser uma imitação dos seus queridos amigos. Ao voltar de Miami, contraiu, infelizmente, vírus mental, que está infectando a amizades entre os nossos povos.

(10:54 PM. 18 de mar de 2020)<sup>6</sup>

O Tweet defensivo da Embaixada da China, que teve mais de 45,7 mil curtidas e 8,2 mil retweets, alertou o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal, de modo que, horas depois, autoridades que representam os outros dois poderes também se manifestaram em suas respectivas redes sociais. No dia 19 de março de 2020, veio a seguinte manifestação do Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Rodrigo Maia (@RodrigoMaia):

**Rodrigo Maia**

@RodrigoMaia

<sup>5</sup> Conteúdo disponível quando da elaboração deste artigo em <<https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1240286560953815040?s=20>>

<sup>6</sup> Conteúdo disponível quando da elaboração deste artigo em <<https://twitter.com/EmbaixadaChina/status/1240456558007508993?s=20>>

Em nome da Câmara dos Deputados, peço desculpas à China e ao embaixador @WanmingYang pelas palavras irrefletidas do Deputado Eduardo Bolsonaro. (12:06 AM. 19 de mar de 2020)<sup>7</sup>

**Rodrigo Maia**

@RodrigoMaia

A atitude não condiz com a importância da parceria estratégica Brasil-China e com os ritos da diplomacia. Em nome de meus colegas, reitero os laços de fraternidade entre nossos dois países. Torço para que, em breve, possamos sair da atual crise ainda mais fortes. (12:06 AM. 19 de mar de 2020)

Juntos, os dois tweets do Presidente da Câmara somam mais de 135 mil curtidas, 13,8 mil retweets e 29 mil comentários quando da elaboração do artigo. Ou seja, em tempos de pandemia verifica-se uma maior preocupação do Governo e de sua base aliada na criação do caos político, competindo aos outros Poderes exercerem a moderação para garantir a mínima estabilidade do País.

Outro grande exemplo da disseminação de desinformação em tempos de pandemia é o insistente incentivo, tanto do Presidente brasileiro, quanto do Presidente norte-americano, no uso combinado das substâncias hidroxiquina e azitromicina para a prevenção e combate da Covid-19 (ROSENBERG, 2020), mesmo que a eficácia não seja cientificamente comprovada e que existam evidências confiáveis de que a combinação das drogas pode vir a provocar prejuízos à saúde dos pacientes (AZEVEDO, 2020).

A prematura defesa do uso combinado dos medicamentos por Bolsonaro, desde a chegada do vírus em solo brasileiro, fez com que o preço do medicamento disparasse e os estoques ficassem esgotados nas farmácias durante as primeiras semanas eufóricas da Pandemia (WATANABE, 2020). Como apontou reportagem de Phillipe Watanabe (2020), bastou que o Presidente Donald Trump afirmasse que a hidroxiquina pode ter eficácia contra o coronavírus, apesar de não existirem evidências científicas, para que a droga sumisse das prateleiras de drogarias pelo Brasil.

A mesma reportagem denunciou que pessoas com evidente necessidade de uso do medicamento não estavam tendo acesso à droga em suas farmácias usuais, colocando a saúde dessas pessoas que realmente precisam em risco.

Um levantamento feito pelo Radar Aos Fatos (CUBAS, 2020) demonstrou que o apoio à cloroquina no Twitter foi a responsável pela base de sustentação da desinformação sobre a droga

<sup>7</sup> Conteúdo disponível quando da elaboração deste artigo em <<https://twitter.com/RodrigoMaia/status/1240474698326163456?s=20>>

no País. Dos 390 tweets analisados, selecionados pelo número de engajamentos na rede, 253 (65%) citavam o medicamento de forma positiva, enquanto 39 (10%) faziam reflexões negativas e outros 98 (25%) eram neutros.

A pesquisa também demonstra que dos 5 (cinco) perfis que mais engajaram o assunto “Cloroquina” no Twitter como desinformação, 4 (quatro) são de pessoas ou autoridades públicas inclinadas à direita.

Entre 8 e 20 de maio – período da coleta de dados – esse foi o resultado: com 21 (vinte e um) Tweets e responsável por 4,9% dos engajamentos<sup>8</sup>, está o perfil do Procurador da República Ailton Benedito (@AiltonBenedito); em seguida, com 17 (dezessete) Tweets e responsável por 6,1% dos engajamentos, aparece Arthur Weintraub (@ArthurWeint) que é Assessor Especial de Bolsonaro e irmão do ex-Ministro da Educação; em terceiro lugar, com 14 Tweets e responsável por 4,3% dos engajamentos, em terceiro lugar está o perfil de Davy Albuquerque da Fonseca (@AlbuquerqueDavy) que é pré-candidato a vereador no Rio de Janeiro; por último, com 13 (treze) Tweets e responsável por 4,8% do engajamento, o perfil do Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP) – filho do Presidente da República (CUBAS, 2020).

Todos esses perfis, alinhados à direita (e seu extremo) e, de certa forma, interligados com o Presidente da República, contribuíram com a disseminação de desinformações sobre o uso dos medicamentos para tratamento dos pacientes da Covid-19. Não há razoabilidade em quem não entende sobre o que está falando e que propaga desconfiança na ciência, ignorando o senso de responsabilidade enquanto pessoas públicas que deveriam servir como exemplo.

Outros atores de direita continuam insistindo em proliferar desinformações sobre o uso da Cloroquina no tratamento da Covid-19. Todos alinhados à direita, contribuem para a desinformação de seu público:

**Bibo Nunes**

@bibonunes1

Cada vez mais se conclui que Bolsonaro estava certo em se preocupar com a economia do Brasil, durante a pandemia. E a cloroquina salvando vidas...

Chorem, urubus...

(2:53 PM. 19 de abr. de 2020)

**Alexandre Garcia**

@alexandregarcia

<sup>8</sup> Por “engajamento” entende-se as interações com o post, notadamente curtias, retweets ou comentários.

Infodemia e desinformação em tempos de pandemia: um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais no Brasil durante o estágio inicial da Covid-19

Relato de sucesso com tratamento precoce com Hidroxicloroquina <https://youtu.be/cQkihVMzRx0> via @YouTube. (9:20 PM. 6 de abr. de 2020).

Bilbo Nunes é um Deputado Federal do PSL, partido base aliada do Presidente; já Alexandre Garcia é jornalista e hoje passa grande parte de seu tempo apoiando Bolsonaro em suas plataformas. Outros milhares de tweets, inclusive feitos por robôs, reverberam desinformações nas redes sociais. Em meio a uma infodemia na pandemia, a dúvida que surge é: como filtrar essa multidão de informações e como conscientizar uma população quando o próprio Presidente da República contribui com a desinformação?

#### **4. Considerações Finais**

Pela experiência internacional, sobretudo de Países da Europa Ocidental, concluímos que a seriedade com que os Governos trataram a Covid-19 alterou significativamente o impacto da doença nos Países. Aqueles que, em outrora, recepcionaram a doença com negacionismo foram obrigados a experimentar o amargo sabor de uma pandemia sem controle e em todos os níveis – do social ao econômico.

Eventos de escala mundial – como a pandemia – tem o condão de provocar infodemias, que é justamente a quantidade em massa de informações, nem todas verdadeiras, sobre um mesmo assunto. O Governo Brasileiro, em espelho ao Governo dos Estados Unidos, adota uma posição de negacionismo científico quando o assunto é a Covid-19.

Bolsonaro sempre fez questão de defender o isolamento vertical e de criticar as posições dos Governadores e Prefeitos que decidiram, com base nas experiências locais, restringir a circulação de pessoas e o comércio em suas cidades ou estados. Também sempre defendeu o uso combinado da hidroxicloroquina e azitromicina no tratamento da Covid-19, mesmo que evidências confiáveis não comprovem a efetividade dessas drogas e apontem possíveis malefícios à saúde pública.

A presente pesquisa intenta provocar sobre as formas em que os atores alinhados à direita (e seu extremo) contribuíram para a disseminação de desinformações sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil em seu estágio inicial.

Hoje, nos aproximando dos 60 mil mortos e dos quase 1 milhão e meio de infectados (junho de 2020), é possível concluir que a política de saúde sanitária adotada pelo Brasil não apresentou

eficiência. As pessoas estão morrendo em um nível cada vez mais acelerado e o colapso econômico se torna ainda mais evidente.

Em um País em que o Capital Econômico se preocupa mais com a “morte de CNPJs” do que com a de CPFs, existe um grande desafio na formulação de políticas públicas de saúde que resguardem as pessoas em suas especificidades ante a uma pandemia sem precedentes.

A pandemia de Covid-19 nos mostra que existe uma contundente desigualdade social provocada pelos privilégios de cor, região, sexo, idade e classe social. Não existe respeito do Governo Federal com a mínima informação confiável, sendo que o Presidente Bolsonaro faz questão de transgredir as recomendações de saúde pública e de demitir quem pensa diferente.

Na presente pesquisa, podemos perceber que os atores alinhados ao Presidente – e ele mesmo – contribuem para a disseminação das principais desinformações a respeito da pandemia de Covid-19. Os dados coletados apresentam que a partir de declarações de Bolsonaro, diversas interações favoráveis ao Presidente foram postas nas redes sociais, inclusive por robôs, as quais contribuíram para a significativa queda do distanciamento social – considerado como fundamental para desacelerar o contágio. Essa queda nas taxas de isolamento social foi sensivelmente maior em locais onde Jair Bolsonaro teve mais votos.

O nosso desafio é tentar fortalecer a democracia em tempos digitais e garantir que as desinformações, com pretextos obscuros, não prejudiquem o avanço democrático e saudável do País.

## Referências

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UMA-SUS (ASCOM/UMA-SUS). Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. 11 de março de 2020. Disponível em <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

AZEVEDO, Ana Lúcia. The Lancet e British Medical Journal fazem alertas sobre uso de cloroquina. O Globo, Rio de Janeiro, 10 de abril de 2020. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/the-lancet-british-medical-journal-fazem-alertas-sobre-uso-de-cloroquina-24364338>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

Brasil. 1 ano – Saúde sem Fake News. Ministério da Saúde, Brasília, 29 de janeiro de 2020. Disponível em <<https://www.saude.gov.br/fakenews/46240-sopa-de-morcego-e-o-coronavirus-e-fake-news>>. Acesso em 20 de jun. de 2020.

BRÍGIDO, Carolina. TSE manda Facebook tirar do ar 33 links com notícias falsas contra Manuela D’Ávila. Extra Globo, São Paulo, 08 de outubro de 2018. Disponível em

Infodemia e desinformação em tempos de pandemia: um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais no Brasil durante o estágio inicial da Covid-19

<<https://extra.globo.com/noticias/brasil/tse-manda-facebook-tirar-do-ar-33-links-com-noticias-falsas-contramanuela-davila-23141190.html>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

CARVALHO, Igor. Superexplorados em plena pandemia, entregadores de aplicativos marcam greve nacional. Brasil de Fato, São Paulo, 16 de junho de 2020. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/16/superexplorados-em-plena-pandemia-entregadores-de-aplicativos-marcam-greve-nacional>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

COMPROVA – Projeto de checagem de fatos. Ao contrário do que afirma blog, OMS recomenda isolamento como uma das medidas de combate ao novo coronavírus. Estadão, São Paulo, 06 de maio de 2020. Disponível em <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/ao-contrario-do-que-afirma-blog-oms-recomenda-isolamento-como-uma-das-medidas-de-combate-ao-novo-coronavirus/>>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

CUBAS, Marina; *et al.* Apoio à cloroquina engaja mais no Twitter sustentado em desinformação. Radar Aos Fatos, 21 de maio de 2020. Disponível em <<https://www.aosfatos.org/noticias/apoio-cloroquina-engaja-mais-no-twitter-sustentado-em-desinformacao/>>. Acesso em 20 de jun. de 2020.

FOLHA DE SP. Bolsonaro tem reprovação de 50% e aprovação de 27% na gestão da crise do coronavírus, diz Datafolha. G1, São Paulo. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/29/bolsonaro-tem-reprovacao-de-50percent-e-aprovacao-de-27percent-na-gestao-da-crise-do-coronavirus-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em 20 de jun. de 2020.

GALHARDI, Cláudia; MINAYO, Maria Cecília. Pesquisa revela dados sobre ‘Fake News’ relacionada ao novo coronavírus. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, São Paulo, 13 de abril de 2020. Disponível em <<http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/48662>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Nem tão #Simples Assim: o desafio de monitorar políticas públicas nas redes sociais. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Robôs, redes sociais e política: Estudo da FGV/DAPP aponta interferências ilegítimas no debate público na web. Rio de Janeiro: FGV, 2017b.

GAYER, Eduardo. OMS reforça proposta de isolamento social contra coronavírus. Estadão: São Paulo, 26 de março de 2020. Disponível em <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-reforca-proposta-de-isolamento-social-contracoronavirus-mas-diz-que-e-preciso-fazer-mais,70003249476>>. Acesso em 20 de jul. de 2020.

HAIDER, Asas. Armadilhas da Identidade: Raça e Classe nos Dias de Hoje. São Paulo: Veneta, 2019.

IPSOS. 56% dos brasileiros acreditam que isolamento social não impedirá propagação do coronavírus. Brasil, 26 de março de 2020. Disponível em <<https://www.ipsos.com/pt-br/56-dos-brasileiros-acreditam-que-isolamento-social-nao-impedira-propagacao-do-coronavirus>>. Acesso em 20 de jun. de 2020.

KEYES, Ralph. A era da Pós-Verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.

MARASCIULO, Marília. Na pandemia de Covid-19, negros morrem mais do que brancos. Por quê?. Revista Galileu, Rio de Janeiro, 29 de maio de 2020. Disponível em <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/05/na-pandemia-de-covid-19-negros-morrem-mais-do-que-brancos-por-que.html>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

MOTTA, Matt, *et al.* How Right-Leaning Media Coverage of COVID-19 Facilitates the Spread of Misinformation in the Early Stages of the Pandemic in the U.S. Canadian Journal of Political Science: Cambridge University Press, 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). Entenda a Infodemia e a Desinformação na luta contra a Covid-19. Brasil, 2020.

PODER360. Bolsonaro defende uso da cloroquina em pacientes com sintomas leves de Covid-19. Poder360, São Paulo, 13 de maio de 2020. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/coronavirus/bolsonaro-defende-uso-da-cloroquina-em-pacientes-com-sintomas-leves-de-covid-19/>>. Acesso em 20 de jun. de 2020.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, João Ruela. Covid-19: com o discurso negacionista, Bolsonaro levou os apoiantes para o “matadouro”. Público Portugal, 01º de julho de 2020. Disponível em <<https://www.publico.pt/2020/07/01/mundo/noticia/covid19-discurso-negacionista-bolsonaro-levou-apoiantes-matadouro-1922632>> Acesso em: 01º de jul. de 2020.

ROSENBERG, Hans, *et al.* The Twitter pandemic: The critical role of Twitter in the dissemination of medical information and misinformation during the COVID-19 pandemic. Canadá: Cambridge University Press, 2019. Disponível em < <https://www.cambridge.org/core/journals/canadian-journal-of-emergency-medicine/article/twitter-pandemic-the-critical-role-of-twitter-in-the-dissemination-of-medical-information-and-misinformation-during-the-covid19-pandemic/9F42C2D99CA00FBAE50A66D107322211>>. Acesso em: 29 de jun. de 2020.

SOBREIRA, Vinícius. Sindicato critica estados que incluíram domésticas em serviços essenciais na quarentena. Brasil de Fato, Recife, 25 de maio de 2020. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/05/25/sindicato-critica-estados-que-incluiram-domesticas-em-servico-essencial-na-quarentena>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

SUDRÉ, Lu. Entregadores de aplicativos pedem apoio da população para paralisação nacional. Brasil de Fato, São Paulo, 29 de junho de 2020. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/29/entregadores-de-aplicativos-pedem-apoio-da-populacao-para-paralisacao-nacional>>. Acesso em: 30 de jun. de 2020.

TAJRA, Alex. Coronavírus não foi criado em laboratório do Partido Comunista da China. São Paulo, UOL Confere, 30 de março de 2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2020/03/30/coronavirus-nao-foi-criado-em-laboratorio-pelo-partido-comunista-da-china.htm>>. Acesso em 20 de jun. de 2020.

TROI, Marcelo; QUINTILIO, Wagner. Coronavírus: lições anti-negacionistas e o futuro do planeta. Scielo em Perspectiva, 31 de março de 2020. Disponível em <<https://blog.scielo.org/blog/2020/03/31/coronavirus-liceoes-anti-negacionistas-e-o-futuro-do-planeta/#.XvyKNpNKiCc>>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

Infodemia e desinformação em tempos de pandemia: um levantamento das principais notícias falsas disseminadas nas redes sociais no Brasil durante o estágio inicial da Covid-19

WATANABE, Phillippe. Pacientes que usam hidroxiclороquina já não acham o remédio em farmácias. Folha de SP, São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/pacientes-que-usam-hidroxiclороquina-ja-nao-acham-o-remedio-em-farmacias.shtml>>. Acesso em 20 de jun. de 2020.